

PAULO RÓNAI (1907-1992) E O “SUPLEMENTO LITERÁRIO” D’
O ESTADO DE S. PAULO

Andréia Carla Lopes AREDES¹

ABSTRACT: This article aims to present partial results of study of texts that Paulo Rónai (1907-1992) published in the "Suplemento Literário" of the periodical *O Estado de S. Paulo*, which circulated from 1956 until 1974, as well as the analysis of the existing relation between its work as critical and the literary criticism of century XX. For this, the one hundred and twelve published texts, that deal with subjects as brazilian and foreign literature, translation, portuguese language and dictionaries, among others, and can be classified as articles, summaries, stories of trip and poem translation.

Introdução

Este artigo é parte dos resultados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa “A produção crítica de Paulo Rónai (1907-1992) no ‘Suplemento Literário’ d’ *O Estado de S. Paulo*”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP –, e tem como objetivos a análise sistemática dos textos que Paulo Rónai publicou no referido suplemento, além de uma breve contextualização da colaboração do crítico em outros cadernos literário-culturais do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A tônica da produção de Paulo Rónai no “Suplemento Literário” d’ *O Estado de S. Paulo* é a publicação de resenhas em que analisa não somente obras literárias, mas também livros didáticos, dicionários em geral e livro de história. Por isso, para esse estudo serão considerados apenas os textos destinados aos debates literários, ficando os demais para serem abordados numa outra ocasião. Com isso, este trabalho também visa o estudo de sua atuação como crítico literário, já que era um intelectual de formação européia que valorizou muitos escritores brasileiros, além das possíveis influências de tendências da crítica literária do século XX nos seus textos.

Paulo Rónai, húngaro de nascimento e brasileiro por adoção, desenvolveu aqui muitas atividades profissionais que praticava na Hungria, uma vez que foi, além de crítico, ensaísta, professor de francês e latim, escritor e, segundo ele mesmo, “mais tradutor que escritor” (Otondo, 1989: 2). Isto se deve à sua paixão por idiomas, visto que Rónai dominava uma dezena deles, a saber: latim, grego, russo, inglês, francês, italiano, húngaro, português, alemão e espanhol, isto sem serem consideradas as várias tentativas de criação e aplicação dos idiomas universais artificiais que também estudou.

Como latinista, escreveu uma série de livros, entre os quais se contam os didáticos *Gradus primus*, *Gradus secundus*, *Gradus tertius* e *Gradus quartus*, além de *Não perca*

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: aclaunesp@hotmail.com

o seu latim. Como ensaísta, escreveu os livros *Escola de tradutores, A tradução vivida*, em que apresenta seus pensamentos, métodos e princípios acerca da tradução, bem como críticas sobre erros cometidos nas versões de obras importantes e idéias acerca da postura de um tradutor “profissional”; *Homens contra Babel* (1964) e *Babel & Antibabel* (1970), nos quais analisa as propostas de criação e implantação dos idiomas artificiais universais para a comunicação internacional; *Como aprendi o português e outras aventuras* (1956), em que aborda suas dificuldades de aprendizado do português ainda na Hungria, além de muitas experiências relevantes em sua vida, *Encontros com o Brasil* (1958), em que relata suas primeiras impressões sobre a literatura brasileira, e *Pois é!* (1990), em que trata de temas como a literatura, a língua portuguesa e a lingüística, entre outros.

Como estudioso, admirador e um dos principais responsáveis pela divulgação da obra de Honoré de Balzac entre os brasileiros, Paulo Rónai dedicou-lhe três obras, sendo elas: *Balzac e a Comédia Humana* (1947), *Um romance de Balzac: A pele de Onagro* (1952) e *A vida de Balzac: uma biografia ilustrada* (1999, 2. ed.).

Porém, seu maior reconhecimento está ligado aos trabalhos de tradução que executou, dentre os quais se pode destacar, no caso do português, a coordenação da tradução em dezessete volumes de *A Comédia Humana*, de Honoré de Balzac, a tradução do clássico infanto-juvenil húngaro *Os meninos da rua Paulo* (1952), de Ferenc Mólnar, e muitos contos húngaros em sua *Antologia do conto Húngaro*, prefaciada por Guimarães Rosa, em sua única atuação como crítico. No entanto, o seu trabalho mais laborioso foi a organização de *Mar de histórias*, uma antologia do conto universal publicada em dez volumes com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além disso, traduziu para o francês *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

Além de sua produção em livros, Paulo Rónai escreveu muito, tanto em revistas quanto em jornais. De acordo com informações dos prefácios de seus livros e com pesquisas realizadas em alguns jornais, é possível afirmar que o autor tem textos publicados na *Revista do Brasil*, em *O Jornal*, no *Correio da Manhã*, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, na *Revista USP*, bem como no jornal *O Estado de S. Paulo* e em seus cadernos literário-culturais, como o “Suplemento Literário” e o “Suplemento Cultural”, entre outros.

Portanto, a contribuição de Paulo Rónai no “Suplemento Literário” e no “Suplemento Cultural” do jornal *O Estado de S. Paulo*, será a ênfase dos tópicos a seguir.

Paulo Rónai e os suplementos d’ *O Estado de S. Paulo* (1956-1977)

Para o desenvolvimento deste tópico, foram analisados os textos que Paulo Rónai publicou no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, que circulou de 1956 a 1974, e, como conseqüência das atividades de descrição do “Suplemento Cultural”, os textos publicados por Paulo Rónai apenas no primeiro ano de circulação desse caderno, cujos limites cronológicos vão de 17 out. 1976 a 9 out. 1977.

As especificidades de cada caderno, de certa forma, podem ter influenciado na atuação do autor, pois sua colaboração no “Suplemento Literário” é bem mais intensa

que no “Cultural” se for considerada a quantidade de textos publicados no primeiro caderno, – cento e doze textos durante os dezoito anos de circulação –, e no segundo, – quatro textos em um ano.

A colaboração de Paulo Rónai no “Suplemento Literário” conta com uma certa variedade de tipos de textos e de abordagem de temas, pois o autor publica resenhas, artigos e traduções ao abordar vários temas como a literatura, a lingüística, a tradução e os idiomas artificiais universais, entre outros.

Já no “Suplemento Cultural” sua colaboração é mais tímida, pois escreveu apenas quatro resenhas durante um ano e, nos anos seguintes, não intensificou essa produção.² Isso talvez possa ter ocorrido por dois motivos: o primeiro é que a seção “Letras” do “Suplemento Cultural” era preenchida por críticos ligados à Universidade, que debatiam questões teóricas sobre a teoria literária e a literatura brasileira; pelo fato de Rónai não ter esse vínculo, talvez seu espaço no caderno tenha diminuído, assim como diminuiu o espaço para as discussões literárias em geral.

O segundo motivo pode estar relacionado a projetos profissionais do autor, pois é de conhecimento geral que Rónai participou de projetos monumentais de tradução que lhe tomaram anos, como são os casos da elaboração da antologia *Mar de Histórias* e da coordenação da tradução da *Comédia Humana* de Honoré de Balzac para o português, por exemplo.

Dessa forma, tendo em vista que a colaboração mais significativa de Paulo Rónai no jornal *O Estado de S. Paulo* tenha ocorrido no “Suplemento Literário”, a análise mais detalhada dessa produção será abordada a seguir.

A produção crítica de Paulo Rónai no “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo*

O “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo*, idealizado por Antonio Candido, apresentou vários aspectos inovadores em relação aos demais cadernos de cultura em circulação na década de 50, dos quais pode ser citado o fato de seus diretores acatarem a sugestão de Candido e remunerar bem as pessoas que se dedicassem às letras. Assim, foram feitos os convites aos primeiros colaboradores do caderno, tendo em vista sempre as pessoas que estavam no auge das discussões culturais no momento.

Nesse contexto, Paulo Rónai iniciou sua contribuição no “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo* em 1959 e marcou os limites de sua colaboração nesse caderno com a publicação das resenhas “Útil inda brincando” e “Um homem dialoga consigo”, publicadas em 3 jan. 1959 e 1º dez. 1974, respectivamente.

Rónai contribuiu em várias colunas, ou seja, na de literatura estrangeira (sob a rubrica de “Letras húngaras”), de “Poesia” e de “Resenha bibliográfica”, publicando durante os dezoito anos de circulação do caderno um total de cento e doze textos que se dividem em artigos (31), resenhas (76), traduções (2) e relatos de viagem (3), e abordam os mais diversos temas, como literatura brasileira e estrangeiras, inclusive a latina, idiomas universais artificiais, tradução e lingüística, só para citar alguns exemplos.

² Tal fato pôde ser comprovado a partir de consultas a índices do “Suplemento Cultural” posteriores a 1977.

Em relação aos aspectos estruturais do “Suplemento Literário”, vale dizer que era formado por uma “espinha dorsal” e por uma parte variada em que cabiam as mais diversas abordagens temáticas. De acordo com esse critério, foi verificado que Paulo Rónai publicou quase todos os seus textos nesses espaços livres, fato este que talvez justifique tal variedade temática praticada pelo autor.

A partir do levantamento dos autores resenhados por Paulo Rónai, percebe-se que o crítico dedicou-se a apresentar aos leitores brasileiros, dentre os estrangeiros, principalmente os húngaros, o que o torna, somando-se a estes outros trabalhos, um divulgador da cultura húngara no Brasil.

Vale ressaltar, no entanto, que Paulo Rónai publicou um total de setenta e seis resenhas no “Suplemento Literário” e que vários escritores foram temas de mais de um texto, como é o caso de João Guimarães Rosa, o autor mais prestigiado por Paulo Rónai no caderno, uma vez que lhe são dedicados oito textos. Para Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade são dedicados, por exemplo, apenas dois textos para cada.

Os motivos que levaram a isso são difíceis de enumerar, mas o fato é que Paulo Rónai e Guimarães Rosa mantiveram, durante suas vidas, um relacionamento inicialmente funcional que se foi transformando em intelectual e finalmente quase familiar, talvez pelo fato de Guimarães Rosa, como secretário do Ministro das Relações Exteriores, ter facilitado a vinda da família de Paulo Rónai para o Brasil no período do Holocausto.

Com interesses também intelectuais, Guimarães Rosa escreveu o prefácio “Pequena Palavra” para a *Antologia do conto húngaro*, em que fez um resumo da literatura e da cultura húngaras.

Paulo Rónai escreveu muito, tanto em jornais quanto em revistas, mas nem tudo o que escreveu está publicado em livro. Entre alguns dos seus artigos publicados no “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo* que estão inéditos em seus livros de ensaios, há os que escreveu a respeito de Guimarães Rosa. No artigo “Uma mensagem para cada leitor”, Rónai chama a atenção do público para o livro *Ave Palavra* e para tudo o que oferece este livro póstumo, “composto com suas [de Guimarães Rosa] colaborações em jornais, em grande parte retrabalhadas” (1971: 3)

Rónai afirma que essa é sim uma coletânea de artigos, mas “dando-se a palavra ‘artigo’ sentido dos mais amplos, pois os trabalhos de Rosa aparecidos na imprensa são de espantosa variedade”. Por isso o crítico faz a seguinte recomendação: “cada leitor que procure a sua mensagem nesta obra pluridimensional: nenhum vai sair frustrado” (1971: 3).

Num outro artigo, “Guimarães Rosa e seus tradutores”, Rónai aborda a perspectiva de Guimarães Rosa em relação à tradução de suas obras, até aquele momento, 1971, traduzidas para o alemão, italiano, francês, inglês e espanhol. De acordo com o crítico, Guimarães Rosa teria assim desabafado: “se eu tivesse previsto que meus livros seriam traduzidos, teria usado neles a linguagem de qualquer um” (1971: 1). O desabafo disfarça mal a satisfação, pois não é todo dia que alguém aparece disposto a traduzir um *Grande Sertão*, por exemplo.

As análises dos textos críticos de Paulo Rónai também prosseguem no tópico a seguir, em que serão relacionadas com algumas tendências da crítica literária do século XX.

Paulo Rónai e a crítica literária do século XX

Dada toda a diversidade de conhecimentos de Paulo Rónai, não é de se estranhar que tenha atuado nos meios da tradução, da lingüística, da filologia, do magistério e também da crítica. Segundo Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, Rónai, juntamente com Ledo Ivo, Saldanha Coelho, Otho Moacyr Garcia e outros autores, pertence ao grupo dos críticos neomodernistas que, “já em livros, já esporadicamente em artigos de revistas e suplementos, revela um estado de espírito completamente diverso dos seus predecessores”. Segundo a afirmação do próprio Tristão, a crítica no neomodernismo é considerada “a passagem do humanismo [crítica que enfatiza o autor, tanto o criador quanto o crítico] ao formalismo [crítica voltada para a obra], acarretando, portanto, no deslocamento do sujeito para o objeto” (Athayde, 1980: 239-240).

Essa passagem do humanismo ao formalismo aparece como uma característica forte da crítica literária do século XX, uma vez que,

a crítica moderna passou a valorizar o estético da obra de arte, pondo a ênfase de sua aparelhagem sobre os fatos intrínsecos que constituem a estrutura da obra. (...) À crítica literária o que interessa é averiguar os processos literários que o autor empregou para traduzir a sua visão do mundo. Nisso é que os artistas diferem entre si: no seu método, na sua técnica (...). Conhecer e analisar esses artifícios [artifícios específicos da literatura], estabelecer as relações entre eles e a visão do mundo do autor e o modo como ele os utilizou e se o fez com êxito são alguns dos objetos da crítica verdadeiramente literária ou estética, formalista ou estruturalista (Coutinho, 1986: 65)

Esta postura crítica, característica do século XX, de tomar como objeto primeiro de análise os elementos intrínsecos da obra literária, ou seja, os elementos estéticos, como “o tipo de narrativa, o enredo, os motivos, o ponto de vista, personagens, linha metódica, temática, prosódia, estilo, ritmo”, entre outros, deixando para um segundo plano a análise dos elementos extrínsecos, como “a personalidade do autor, a língua, a raça, meio geográfico e social, o momento” (Coutinho, 1986: 9) etc., aparece como uma dominante nos textos de crítica literária de Paulo Rónai.

Assim, Paulo Rónai, ao abordar uma determinada obra literária, analisa-lhe o enredo, a temática abordada e a construção da trama e dos personagens, detém-se, enfim, na análise dos chamados elementos intrínsecos da obra.

Porém, há, em muitos artigos do crítico publicados no “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo*, uma abordagem da vida do autor, da sua formação e das suas influências, o que denota uma preocupação do crítico em apresentar o autor da obra resenhada ao público de jornal, visto que este público é possuidor de uma cultura muito diversificada.

No entanto, foi possível observar também que o crítico se vale, em poucos artigos, da análise de algum fato da vida do autor para justificar alguma temática por ele

abordada durante o momento de criação. “Valorizando o ‘código’ biográfico, sabe extrair dele as relações mais surpreendentes, como no caso de Guimarães Rosa e de Balzac” (Teles, 1990: texto de orelha). Esse interesse pela biografia dos escritores surgiu, segundo o próprio Paulo Rónai, a partir da “leitura profissional”:

Antigamente eu apanhava e largava um livro sem me preocupar com outra coisa a não ser a parcela de realidade e de fantasia encerrada naquele maço de folhas impressas. (...) A leitura profissional, os estudos de literatura e algumas incursões no campo da crítica acabaram com esse leitor sôfrego. Hoje, ao pegar um livro, penso sem querer no homem que se encontra atrás das frases, em suas ambições e seu objetivo, seus materiais e ferramentas. O que antes se me apresentava com a beleza imaterial de uma nuvem ou uma flor, soltas no tempo e no espaço, depara-se-me agora como o produto de um artesanato e a manifestação de uma vontade inteligente (Rónai, 1992: 89).

Esse interesse pela biografia do autor, entretanto, não elimina o interesse do crítico pelo método de criação do qual se valeu. Nesse sentido, Rónai continua sua afirmação:

Por isso, dificilmente leio agora um livro isolado. Vem-me logo a vontade de percorrer as outras obras do escritor, de aferrar nelas os traços de uma personalidade diferente das outras, de chegar ao canal misterioso que une a criação ao criador. Daí também uma curiosidade biográfica, como se a vida do autor necessariamente encerrasse um segredo, uma chave para a compreensão da obra (Rónai, 1992: 89).

Assim, em ambos os casos, havendo ou não essa “chave para a compreensão da obra”, ela não aparece como fator fundamental para a compreensão do fazer literário do autor que está sendo analisado. Vários são os casos em que Paulo Rónai analisa obras literárias a partir da análise dos seus elementos intrínsecos, não utilizando fatos da vida do autor como elemento condutor da análise apresentada e, quando a biografia aparece, na grande maioria dos casos, é como apresentação do autor para o público, e não constitui como peça fundamental para a compreensão e análise da obra.

De qualquer maneira, é possível afirmar que Paulo Rónai segue a tendência da crítica literária praticada no século XX, tendo em vista uma abordagem da obra literária a partir da análise de seus elementos intrínsecos.

Referências bibliográficas:

- ATHAYDE, T. (1980) *Teoria, crítica e história literária*. Sel. e apresentação de Gilberto Mendonça Teles. Brasília: INL; Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- COUTINHO, A. (1986) “Prefácio da primeira edição”; “Prefácio da segunda edição”.
- COUTINHO, A. (dir.), COUTINHO, E. F. (co-dir). *A literatura no Brasil*, 4-115. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- LIMA, L. C. (1983) *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- OTONDO, T. M. (1989) “O mundo das palavras de Paulo Rónai”. *O Estado de S. Paulo*, Cultura, 24 de junho.
- RÓNAI, P. (1959-1974) *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário.
- _____. (1992) *Como aprendi o português e outras aventuras*. São Paulo: Globo.
- TELES, G. M. (1990) “A lição de Paulo Rónai”. RÓNAI, P. *Pois é*, texto de orelha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.